



PAISAGEM
ANCESTRAL
RECINTOS
CERIMONIAIS
TERRAS DO GUADIANA

PERDIGÕES ▾



18

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2025

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ISSN: 2183-0924

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

18

MARÇO

2025

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2025**

Volume: **18**

Capa: Circuito de recintos de fossos Paisagens Ancestrais

Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

geral@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA)	09
--	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO	23
---	----

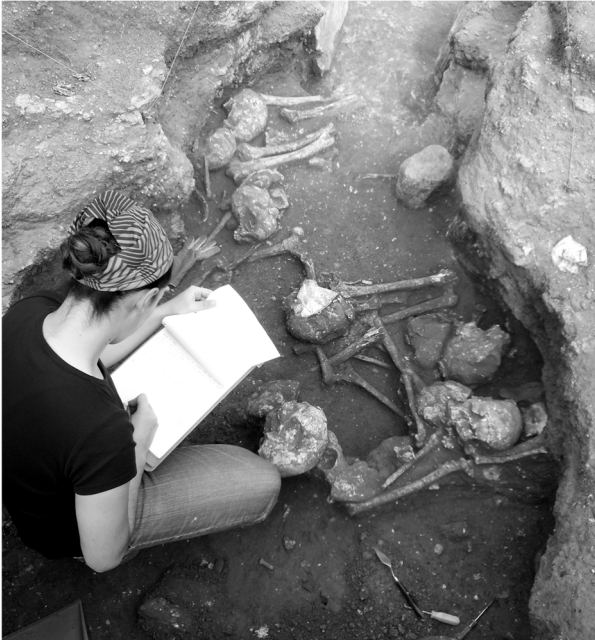
Camila Lacueva, Cláudia Maio, Sofia Nogueira, Lucy Evangelista, Tiago Nunes NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA ...	43
---	----

Ana Rita, Carlos Jorge, Paula Pereira, José Carvalho, Cláudia Maio, Lucy Evangelista ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL	53
--	----

Sérgio Amorim, José Carvalho, Carlos Jorge A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023	61
---	----

Francisco Raimundo, José Carvalho, Rui Pinheiro THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO	69
--	----

José Carvalho O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA	81
---	----



EDITORIAL

A Antropologia Biológica desempenha um papel fundamental na compreensão das populações do passado, permitindo-nos reconstruir aspetos essenciais da sua vida, saúde, mobilidade e interações sociais. No contexto da arqueologia, a análise dos vestígios humanos revela dinâmicas bioculturais que enriquecem a narrativa histórica e contribuem para uma visão mais completa das sociedades antigas. A interseção entre os métodos tradicionais e as novas abordagens científicas – da paleopatologia à genética antiga – tem ampliado significativamente o nosso conhecimento, tornando esta disciplina indispensável para o estudo do património arqueológico.

Na ERA Arqueologia, a Antropologia Biológica assume um papel central na investigação e valorização dos contextos funerários, destacando-se na análise dos testemunhos ósseos que emergem das intervenções arqueológicas. O compromisso com metodologias rigorosas e interdisciplinares permite-nos abordar questões sobre identidade, práticas rituais e impacto ambiental nas comunidades do passado. A colaboração com outras áreas, como a arqueotanatologia e a bioarqueologia molecular, reforça a capacidade de responder a questões cada vez mais complexas e de aproximar a ciência dos contextos patrimoniais.

Neste âmbito, a Antropologia Biológica continua a ser uma ferramenta essencial para interpretar os vestígios humanos e integrá-los nas narrativas arqueológicas mais amplas. A integração de novas tecnologias, a importância da salvaguarda do património osteológico e a necessidade de um olhar ético e contextualizado sobre os vestígios humanos são algumas das questões centrais que merecem ser debatidas.

Assim, a constante evolução desta disciplina exige um diálogo contínuo entre investigadores, promovendo abordagens cada vez mais integradas e multidisciplinares. Ao articular conhecimento científico com a valorização patrimonial, a Antropologia Biológica não só enriquece a compreensão das populações do passado, como também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a nossa própria história e identidade.

Lucy Shaw Evangelista

NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA

Camila Lacueva¹
Cláudia Maio¹
Sofia Nogueira¹
Lucy Evangelista^{1, 2}
Tiago Nunes¹

Resumo:

Noticia-se a descoberta de uma necrópole romana junto à *Villa* de Nossa Senhora da Tourega, na Herdade do Barrocal, freguesias de Nossa Senhora da Tourega e Nossa Senhora de Guadalupe, concelho e distrito de Évora. O achado deu-se durante o acompanhamento arqueológico da abertura de uma vala para instalação do sistema de rega no âmbito de uma reconversão agrícola. Em consequência, foi realizada uma intervenção arqueológica de emergência, da qual resultou a identificação de quatro sepulturas de inumação que se caracterizam genericamente por valas escavadas no substrato rochoso, estruturadas por *tegulae* e/ou *lateres* cujo espólio associado era constituído por recipientes cerâmicos e em vidro, um numisma e uma peça de adorno. A análise do conjunto artefactual sugere uma cronologia genericamente coeva com a ocupação apontada para a *Villa* romana próxima, do século I ao IV da nossa era.

Abstract:

News of the discovery of the necropolis from the roman villa of Nossa Senhora de Tourega

This article reports the discovery of a Roman necropolis near the Villa de Nossa Senhora da Tourega, located in Herdade do Barrocal, in the parishes of Nossa Senhora da Tourega and Nossa Senhora de Guadalupe, Évora municipality and district. The discovery occurred during archaeological monitoring of a trench excavation for the installation of an irrigation system as part of an agricultural reconversion project. As a result, an emergency archaeological intervention was conducted, leading to the identification of four inhumation graves. These graves are generally characterized by trenches excavated into the bedrock, structured with *tegulae* and/or *lateres*. Associated grave goods include ceramic and glass containers, a coin, and an adornment. The analysis of the artefactual assemblage suggests a chronology broadly contemporary with the occupation of the nearby Roman villa, dating from the 1st to the 4th century CE.

1. Introdução

Com este artigo pretendemos apresentar os resultados preliminares da escavação arqueológica de emergência realizada pela equipa da Era-Arqueologia, S.A. nas proximidades da *Villa* de Nossa Senhora da Tourega, na Herdade do Barrocal, Évora, entre Maio e Junho de 2023. Os trabalhos arqueológicos realizados decorreram no âmbito de uma reconversão agrícola que previa a instalação de dois pivots de rega, abastecidos através de uma ligação à barragem de Nossa Senhora de Tourega. Assim, ao nível da afectação do subsolo, foi necessária a abertura de uma vala para instalação de uma conduta de transporte de água, com cerca de 2km.

Durante o acompanhamento arqueológico destes trabalhos foi identificado um conjunto de estruturas negativas, escavadas nos níveis naturais e delimitadas por *tegulae*, associadas a espólio osteológico humano, que corresponderiam, assim, a pressupostas sepulturas do período romano (provável necrópole da *villa*). Uma vez identificados os contextos funerários, programou-se a escavação de duas áreas de diagnóstico adjacentes ao corte da vala, num total de 13m². A intervenção permitiu identificar cinco estruturas funerárias. Do conjunto, a sepultura 5 não foi intervencionada, uma vez que não viria a ser afectada pelo traçado da vala.

¹Era Arqueologia; ² CIAS Centro de Investigação em Antropologia e Saúde - U. Coimbra, ICArEHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano – U. Algarve

Após um breve enquadramento geográfico, proceder-se-á uma descrição individualizada no que se refere ao rito predominante, ao mobiliário fúnebre, bem como às características das sepulturas alvo de intervenção.

2. Enquadramento geográfico

Os trabalhos realizaram-se na Herdade do Barrocal, freguesias de Nossa Senhora da Tourega e Nossa Senhora de Guadalupe, concelho e distrito de Évora, com a sua localização representada nas folhas n.º 459 e 470 da Carta Militar de Portugal, 1:25 000. O acesso ao local é feito através de um desvio de terra batida existente na estrada EN380 que liga Évora a Alcáçovas, perto da ribeira da Peramanca e da barragem de Nossa Senhora da Tourega.

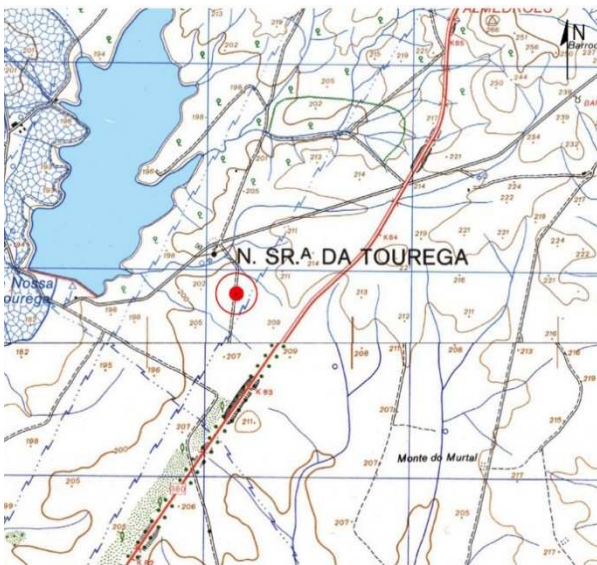


Figura 1 – Localização da intervenção arqueológica em excerto da CMP 1:25 000, Folhas 459 e 470.



Figura 2 – Localização da intervenção arqueológica em imagem de satélite. Localização da *Villa Romana de Nossa Senhora da Tourega* (a laranja).

O local da intervenção é abrangido pela ZEP (Zona Especial de Protecção) da *Villa Romana de Nossa Senhora da Tourega*, de acordo com a Portaria n.º 740-CR/2012, DR, 2.ª série, n.º 248 (suplemento), de 24 de Dezembro de 2012.

A geomorfologia deste lugar caracteriza-se pela extensa planície ondulada, com elevações pouco pronunciadas. A malha da paisagem é larga, associada a usos extensivos e ao domínio da grande propriedade. A intervenção realizou-se em zona plana, a poucos metros da *villa* mencionada, cerca de 415m em linha recta, para Sudeste, em terreno agrícola (sazonal/sementeira), utilizado também para pastagem.

3. A necrópole

Delimitadas as áreas a intervencionar e considerando já se ter o controlo estratigráfico das mesmas, os trabalhos tiveram início com uma primeira decapagem, realizada com recurso a meios mecânicos ligeiros, até ser atingida a cota provável do topo das referidas estruturas, com o devido cuidado para que estas não fossem afectadas pelos meios utilizados.

A posterior escavação manual permitiu identificar cinco estruturas funerárias, quatro do lado Sul e uma do lado Norte da referida vala. A sepultura 5, apesar de exposta pelo processo de escavação da sondagem, não foi intervencionada por determinação da tutela do património, uma vez que não viria a ser afectada pelo traçado da vala.

Apesar de não ter sido alvo de intervenção, aparenta ter uma cobertura composta por *tegulae*, rematadas por imbrices, sendo estes os únicos elementos visíveis. Foi imediatamente coberta com manta geotêxtil e terra, garantindo assim a sua integridade. A sua presença permite uma chamada de atenção para a expectável continuidade dos presentes contextos funerários para fora dos limites da presente área de intervenção. As restantes sepulturas encontravam-se relativamente bem preservadas, à excepção da sepultura 4, que foi truncada durante a abertura da vala agora realizada. Apenas foi possível intervencionar a sua metade Sul, na qual apenas se identificou um dente humano.

A intervenção revelou, assim, três sepulturas de inumação individual, em bom estado de conservação. No que respeita à arquitectura tumular, o conjunto sepulcral, considerando as cinco sepulturas identificadas, é relativamente heterogéneo, apresentando diferentes soluções no que respeita às coberturas e à presença ou ausência de revestimentos. As semelhanças verificam-se ao nível dos materiais empregues na sua construção, nomeadamente *tegulae* de formato rectangular, com rebordo de secção arredondada, nos lados de maior comprimento e *lateres/tijoleiras* de formato rectangular, com motivo cruciforme digitado.

Genericamente, caracterizam-se por valas abertas no substrato rochoso (granito), estruturadas essencialmente por *tegulae* e/ou *lateres*. As sepulturas identificadas a Sul da vala encontram-se orientadas NW-SE, com um espaçamento de 0,3 a 0,4m entre si. A única sepultura identificada no corte Norte da vala tem uma orientação oposta, sensivelmente SW-NE. Geometricamente apresentam planta rectangular ou

ovalada, com o fundo plano (nivelado), sendo os pavimentos nus, ou seja, o próprio substrato escavado. Relativamente às dimensões, as estruturas são idênticas, com 2m de comprimento máximo e 0,4 a 0,5m de largura, atingindo profundidades compreendidas entre os 0,3 e os 0,5m.



Figura 3 – Perspectiva das sepulturas intervencionadas com as respectivas coberturas.

As sepulturas 1, 2 e 3 continham espólio funerário associado aos indivíduos inumados, preservando a quase totalidade do conjunto, perfis completos. Das três, a sepultura 2 foi a que ofereceu o conjunto mais representativo. A estes conjuntos pertencem recipientes cerâmicos, mas também de vidro e, no caso da sepultura 2, um numisma e uma peça de adorno, precisamente um anel que se encontrava na mão esquerda do indivíduo sepultado.

Quanto à organização e distribuição do espólio funerário, verifica-se que este surge concentrado junto às extremidades e/ou paredes laterais do espaço de inumação.

Os indivíduos inumados encontravam-se em decúbito dorsal, tratando-se de indivíduos adultos, sobre os quais não foi possível reconhecer alterações patológicas. O estado avançado de degradação óssea, como resultado de processos tafonómicos, relacionados com as características do solo como a acidez e a pressão, não permitiu traçar o perfil biológico completo dos esqueletos.

3.1. Sepultura 1

Corresponde a um covacho de planta ovalada, escavado no substrato rochoso, com cobertura exclusivamente constituída por *tegulae* dispostas na horizontal, cujos exemplares apresentam dimensões de 0,54x0,44m – medidas registadas a partir dos exemplares completos – e decoração digitada ao longo de toda a superfície. No elemento colocado mais a NW foi possível observar o negativo de uma pata de canídeo. Orientada NW-SE, a estrutura apresenta 2m de comprimento, 0,5m de largura e 0,4 a 0,5m de profundidade. O fundo é plano e o pavimento nu. No interior foram recuperados recipientes cerâmicos e em vidro, colocados na extremidade SE da sepultura. A estrutura foi parcialmente afectada pela abertura da vala na sua extremidade NW.

O indivíduo inumado apresenta uma representatividade óssea entre 0 e 25%. Apenas foi recuperada parte do membro inferior esquerdo, nomeadamente porção central das diáfises da tíbia e fíbula esquerdas, não sendo possível inferir a posição do esqueleto. Não obstante, o facto de estes elementos ósseos se encontrarem paralelos entre si e junto da parede nordeste da sepultura, poderá indicar que o indivíduo foi colocado em decúbito dorsal, com os membros inferiores em extensão.

Dada a dimensão da estrutura, acredita-se que o indivíduo deveria ser adulto, não tendo sido possível determinar o intervalo etário. O sexo é indeterminado, uma vez que não se preservaram elementos discriminantes para este parâmetro. O elevado estado de degradação óssea, causado pelas alterações tafonómicas, poderá ter camuflado possíveis lesões patológicas.



Figura 4 – Sepultura 1.

3.2. Sepultura 2

A sepultura 2 apresenta planta rectangular, com 2m de comprimento, 0,5 a 0,6m de largura e 0,4 a 0,5m de profundidade. A cobertura é exclusivamente composta por *tegulae*, muito fragmentadas devido ao seu desabamento. Alguns destes elementos apresentam decoração digitada ao longo da superfície. Possui revestimento lateral (Oeste) estruturado por *tegulae* e *lateres*, alguns com marca digitada com motivo cruciforme em linha simples ou dupla. Exibe um fundo plano, de planta rectangular, com os cantos ligeiramente arredondados, e o pavimento nu. A presença de pregos dispostos em redor do indivíduo poderá indicar uma outra estrutura, de material mais perecível, possivelmente do tipo caixão. Orientada NW-SE, a estrutura foi parcialmente afectada pela vala a NW, junto à cabeceira.

No seu interior foi identificado um esqueleto incompleto sem porção distal dos membros inferiores. O indivíduo encontra-se em decúbito dorsal, com o crânio ligeiramente voltado para a direita. O membro superior direito está fletido sobre o tórax e o esquerdo fletido sobre o abdómen. Os membros inferiores encontram-se em extensão. Trata-se de um indivíduo adulto, possivelmente jovem ou de meia-idade, dado o baixo grau de desgaste dentário, o qual varia entre 0 e 3, sendo a média de 0,7.



Figura 5 – Sepultura 2.

A apófise mastoide foi a única região anatómica discriminante para o sexo que se preservou. Esta exibe uma morfologia feminina. Não obstante, não é possível determinar o sexo com base em apenas um carácter. A fragmentação está também

presente nas peças dentárias, o que inviabilizou a classificação de algumas frações de coroas. Das que se observaram, não foram registadas patologias orais. Do mesmo modo, não foram observadas alterações patológicas no restante esqueleto.

Na mão esquerda do indivíduo encontrava-se um anel. Foram ainda recolhidos recipientes cerâmicos, em vidro e um numisma. O mobiliário funerário apresentava-se em dois conjuntos, um localizado a NW, junto à cabeceira e encostado à parede Oeste; outro na metade inferior da sepultura, junto à parede Este.

3.3. Sepultura 3

De planta rectangular, foi escavada no substrato rochoso e estruturada lateralmente por *lateres* apoiados no lado de maior comprimento. A cobertura em duas águas é composta também por *lateres*, com alguns fragmentos de menor dimensão em resultado da afectação da mesma. Alguns elementos da cobertura apresentam decoração cruciforme, com digitação simples ou dupla. Foi possível identificar um exemplar com negativos de patas de suíno. O fundo da estrutura é nivelado, de plano rectangular e o pavimento nu. Orientada SW-NE, apresenta 1,7m de comprimento, 0,37m de largura (a partir do interior da caixa) e 0,3m de profundidade.



Figura 6 – Sepultura 3.

O enterramento apresenta mau estado de preservação e tem 50 a 75% do esqueleto representado. Está em decúbito dorsal, com os membros superiores fletidos (o esquerdo sobre o tórax e o direito sobre o abdómen) e os membros inferiores

em extensão. A perna direita está ligeiramente rodada para a direita, com a fíbula por baixo da tíbia. Trata-se de um indivíduo adulto, para o qual não foi possível estimar o intervalo etário. A abertura da chanfradura ciática dos ilíacos mostra uma forma feminina – segundo o método proposto por Ferembach e colaboradores (1980). Contudo, não é possível inferir sobre o sexo com base nestas escassas informações. A nível ósseo, mais uma vez não se registam alterações patológicas, dado o elevado nível de deterioração óssea. Ao indivíduo sepultado estavam associados recipientes cerâmicos e em vidro, posicionados na extremidade SE, junto à parede Este da estrutura funerária.

3.4. Sepultura 4

Caracteriza-se por uma vala simples de planta ovalada, escavada no substrato rochoso, sem cobertura conservada. Orientada NW-SE, a estrutura foi cortada pela abertura da vala na sua metade Norte, sendo, por isso, impossível determinar o seu comprimento máximo. Apresenta 0,4m de largura e 0,3m de profundidade. Não foi detectado espólio funerário.



Figura 7 – Sepultura 4.

3.5. Sepultura 5

Apesar de não ter sido alvo de intervenção, aparenta ter uma cobertura de duas águas, formada por *tegulae* rematadas por imbrices, sendo estes os únicos elementos visíveis. Com orientação NW-SE, estende-se num comprimento de 2m.



Figura 8 – Sepultura 5.

4. Espólio funerário

Das quatro sepulturas intervencionadas, três continham mobiliário funerário associado aos indivíduos inumados. A sepultura 2 foi a que ofereceu o espólio mais representativo. Ao conjunto pertencem recipientes cerâmicos, mas também de vidro, um numisma e uma peça de adorno. As peças cerâmicas encontram-se em bom estado de conservação, preservando, na sua maioria, perfis completos.

Os púcaros, as bilhas, os potes, os pratos e as lucernas são formas assíduas nos enterramentos deste período, estando as bilhas entre as formas mais representadas na categoria de cerâmica comum (Rolo, 2018: 213). No presente contexto encontram-se igualmente bem documentadas, assim como as lucernas, particularmente numerosas nos enterramentos em contextos rurais alentejanos (Frade & Caetano, 2004: 337). No que diz respeito às cerâmicas finas, a amostra de *Terra Sigillata* é menos expressiva no conjunto exumado. Os vidros também são recorrentes nos contextos mencionados e apresentam-se aqui sob as formas de unguentário e copo. Os metais constituem a categoria com menor representação em termos percentuais, contando o conjunto com um numisma. Foi também recuperado um anel que se encontrava na mão esquerda do indivíduo inumado na sepultura 2.

Quanto à organização e distribuição do espólio funerário, verifica-se que este surge concentrado junto à cabeceira ou aos pés do defunto e/ou às paredes laterais do espaço de inumação.

4.1. Sepultura 1

Pote em cerâmica comum (n.º 1) – Pote de bojo carenado, de perfil troncocónico invertido. Bordo em forma de aba, horizontal. Base plana.

Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 10,05cm; $\varnothing$ do interior do bordo 8,05cm; altura de 11cm; $\varnothing$ de base de 5,05cm.

Tipologia e paralelos: Forma 2-k de Nolen (1985: 122).

Cronologia proposta: século I – III d.C. (Nolen, 1995-1997: 374).

Lucerna (n.º 2) – Lucerna de disco côncavo, delimitado por dupla moldura, incompleto. Fundo externo côncavo, delimitado por linha circular. Bico circular. A peça apresenta a zona do bico queimada, sugerindo a respectiva utilização na sua função primária.

Dimensões: $\varnothing$ de disco 7,05cm; $\varnothing$ de fundo de 4,05cm; altura de 3cm.

Tipologia e paralelos: indeterminado

Cronologia proposta: século II a inícios do III d.C. (Morillo Cerdán e Rodríguez Martín, 2008: 296).

Jarro em cerâmica comum (n.º 3) – Jarro de bordo boleado voltado para o exterior e colo alto. Corpo globular e base plana. A ausência da asa na peça poderá ter resultado do facto de esta se encontrar já fragmentada e, por esse motivo, sem serventia noutro contexto.

Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 5,05cm; $\varnothing$ de base de 4cm; altura de 11cm.

Tipologia e paralelos: necrópole romana do Porto dos Cacos (Monteiro, 2012: figura 98, PC 3619).
Cronologia proposta: século IV-V d.C. com base nos paralelos estabelecidos com a peça de Porto dos Cacos.

Unguentário de vidro (n.º 4) – Unguentário de vidro. Base esférica. Colo cilíndrico, incompleto.
Dimensões: $\varnothing$ de bojo c. de 4cm; comprimento do colo de 3,05cm.
Tipologia e paralelos: Forma Isings 82 a1(?)
Cronologia proposta: Finais do século I/inícios II – século III d.C. com base na tipologia de Isings (1957).

Vidro (n.º 5) – Peça muito fragmentada. Poderá corresponder à forma de um copo.
Dimensões: indeterminado
Tipologia e paralelos: indeterminado
Cronologia proposta: indeterminado

Vidro (n.º 6) – Peça muito fragmentada.
Dimensões: indeterminado
Tipologia e paralelos: indeterminado
Cronologia proposta: indeterminado

Taça em T.S. (n.º 7) – Taça hemisférica, de bordo largo e pé de pequenas dimensões.
Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 15,02cm; $\varnothing$ de base de 5,07cm; altura de 4cm.
Tipologia e paralelos: Forma 44 de Hayes (Hayes, 1972: 61-62).
Cronologia proposta: Entre 220/240 a finais do século III d.C. (Hayes, 1972: 62).

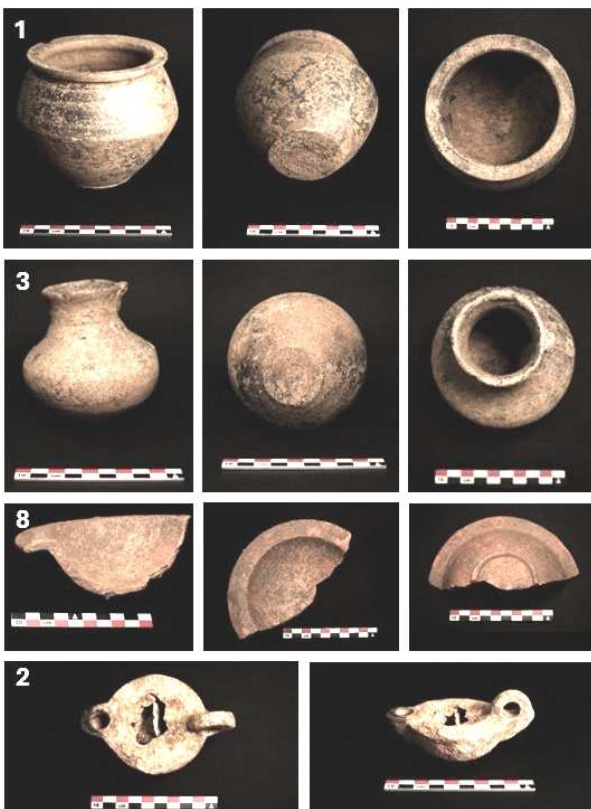


Figura 9 – Espólio funerário da sepultura 1.



Figura 10 – Unguentário em vidro, proveniente da sepultura 1 (n.º 4).

4.2. Sepultura 2

Prato em cerâmica comum (n.º 12) – Prato liso, de paredes ligeiramente arqueadas. Bordo biselado, de extremo arredondado, espessado e voltado para o interior. Base plana.
Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 15,05cm; $\varnothing$ de base de 10cm; altura de 4,05cm.
Tipologia e paralelos: Forma 3-a de Nolen(?) para cerâmica comum.
Cronologia proposta: indeterminado.

Prato em T.S. (n.º 13) – Prato liso, de bordo simples e extremidade arredondada, voltada para o interior. Paredes ligeiramente arqueadas. Base plana.
Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 19cm; $\varnothing$ de base de 13cm; altura de 4cm.
Tipologia e paralelos: Forma 50-B de Hayes(?)
Cronologia proposta: 250 d.C. - 350 d.C. (Hayes, 1972).

Bilha em cerâmica comum (n.º 14) – Bilha de colo curto e estrangulado. Perfil sensivelmente elipsoidal, com caneluras horizontais, uma no arranque do bojo e outra a metade da pança. Bordo direito, de extremo arredondado. Possui uma asa de fita simétrica que liga zona superior do ombro e limite inferior do bordo.
Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 4cm; $\varnothing$ do interior do bordo de 2cm; $\varnothing$ de base de 7cm; altura de 18cm.
Tipologia e paralelos: Forma 1-a de Nolen (1985: 44-45) ou Forma 3-b de Nolen (1985: 50).
Cronologia proposta: segunda metade do século I – meados do II d.C. (Nolen, 1995-1997: 367-368).

Púcaro em cerâmica comum (n.º 15) – Púcaro de bojo largo e carena arredondada, com bordo arqueado voltado para o exterior. Possui duas asas de fita simétrica que ligam zona da carena ao limite inferior do bordo. Apresenta canelura horizontal ao nível inferior interno das asas. Base plana, com ligeira saliência ao centro, visível do lado externo.

Pote em cerâmica comum (n.º 16) – Pote de bojo ovóide, bordo em aba horizontal, voltado para o exterior.
Dimensões: Ø de abertura de 10cm; Ø do interior do bordo de 8,05cm; Ø de base e altura indeterminados.
Tipologia e paralelos: Forma 2-f de Nolen (1985: 121).
Cronologia proposta: século II – meados do III d.C. (Nolen, 1995-1997: 374).



Lucerna (n.º 17) – Peça muito fragmentada.
 Dimensões: indeterminado
 Tipologia e paralelos: indeterminado
 Cronologia proposta: indeterminado

Prato/taça (n.º 18) – Peça fragmentada
 Dimensões: indeterminado
 Tipologia e paralelos: indeterminado
 Cronologia proposta: indeterminado

Anel (n.º 20) – Liga de prata(?) – peça fragmentada
Dimensões: $\varnothing$ de 2cm.
Tipologia e paralelos: indeterminado.
Cronologia proposta: indeterminado.

Prato em cerâmica comum (n.º 22) – Bordo de extremo boleado, voltado para o interior. Parede envasada. Base plana.

Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 15,05cm; $\varnothing$ do interior do bordo de 14cm; $\varnothing$ de base de 10cm; altura de 4,05cm.

Tipologia e paralelos: Forma 3-a de Nolen (1985: 84); Padrãozinho (Rolo, 2018, Estampa 114: PDZ.cc.014).

Cronologia proposta: meados do século III d.C. (Nolen, 1995-1997: 371).

24

25

22

23

Púcaro em cerâmica comum (n.º 24) – Púcaro de bojo largo e carena arredondada, com bordo esvasado de extremidade arredondada. Duas asas de fita simétrica que ligam zona da carena ao limite inferior do bordo.

Dimensões: $\varnothing$ de abertura de 9cm; $\varnothing$ do interior do bordo de 6,05cm; $\varnothing$ de base de 5cm; altura de 10cm.

Tipologia e paralelos: Tipo 3-c de Nolen (1985: 74-75); Padrãozinho 4 (Rolo, 2018, Estampa 109: PDZ4.cc.069).

Cronologia proposta: meados do século II – meados do III d.C. (Nolen, 1995-1997: 371).

Lucerna (n.º 25) – Peça muito fragmentada. Pasta alaranjada. Dimensões: indeterminado.

Tipologia e paralelos: indeterminado.

Cronologia proposta: indeterminado.

4.4. Sepultura 4

Da sepultura 4 foram recuperados poucos fragmentos de cerâmica, de forma indeterminada.

5. Considerações finais

A primeira fase deste processo consistiu no acompanhamento da abertura da vala para a instalação da conduta de rega. Foi monitorizada a escavação de uma vala com um comprimento de cerca de 2km, com uma largura idêntica ao balde da máquina de 0,8m e profundidade média de 1m.

Depois de elencadas as medidas de minimização decorrentes da descoberta desta necrópole, deu-se início à segunda fase dos trabalhos, que correspondeu à escavação arqueológica de quatro sepulturas, alvo de afectação pelo projecto de rega. A estratigrafia identificada revelou-se simples e linear sendo constituída por um depósito de superfície pouco espesso cobrindo o substrato geológico. No seguimento do acompanhamento arqueológico foi identificado um conjunto de sepulturas de cronologia romana, cujas tampas se encontram a cerca de 0,3m a 0,5m de profundidade, considerando a cota de uso actual do terreno.

Importa notar que a presença da sepultura 5, não intervencionada, em conjunto com os dados já conhecidos noutras necrópoles rurais desta época, permitem apontar que os contextos funerários agora identificados se expandirão para fora da presente área de intervenção.

As quatro sepulturas de inumação enquadram-se cronologicamente em época romana, entre finais do século I/inícios do II ao século III d.C. e correspondem, genericamente, a interfaces negativas de plano rectangular ou ovalado e fundo plano, escavadas no substrato rochoso e estruturadas por *tegulae* e/ou *lateres*. As sepulturas identificadas encontram-se orientadas NW-SE, com um espaçamento muito reduzido entre si, sendo que a única sepultura identificada no corte Norte da vala tem uma orientação SW-NE, oposta às restantes. Quanto à dimensão, as estruturas são similares. Dentro destas encontrava-se o indivíduo sepultado com oferendas votivas, nomeadamente cerâmicas, vidro e metais.

Em suma, os trabalhos arqueológicos de minimização revelaram a existência de uma necrópole romana até ao momento desconhecida no registo arqueológico, que está claramente relacionada com a *Villa* de Nossa Senhora da Tourega. Os materiais agora identificados permitem apontar uma cronologia genericamente coeva com a ocupação calculada para esta *villa* (I a IV d.C.).

Tipicamente, e independentemente da hierarquização do espaço rural, a todas as áreas de âmbito doméstico estavam associadas as respectivas necrópoles. Estas, normalmente, localizavam-se em áreas estratégicas, nomeadamente em zonas altas, sobre a ladeira de uma colina, perto de uma linha de água ou de uma via de comunicação (Ripoll, 1998: 248), com a função de relembrar os mortos, numa tentativa de evocação das tradições e costumes. No caso da necrópole agora intervencionada, esta localiza-se numa plataforma com ligeira pendente para Norte, a partir da qual é possível observar a *villa*.

Na literatura (Carneiro e Rolo, 2019) é recorrente a dificuldade em estabelecer a relação espacial entre os espaços da vida e os espaços da morte, sendo as principais questões relacionadas com: as raras vezes em que a área funerária foi integralmente escavada; o insuficiente estudo cronológico dos espólios funerários; e, em nossa opinião, as poucas vezes em que foram escavados em simultâneo pelas mesmas equipas e nas mesmas décadas. Também aqui, e após décadas de intervenção arqueológica em torno desta *villa*, nunca o espaço funerário romano foi identificado.

As sepulturas intervencionadas documentam a prática de inumação, parecendo regra a deposição do corpo em decúbito dorsal, tal como se regista nas necrópoles de inumação do mesmo âmbito cronológico e regional (Rolo, 2018: 204). Do espólio recuperado, destacam-se formas características deste tipo de necrópoles, também identificadas nos espaços domésticos de âmbito rural. Relembrando uma vez mais a investigação que se tem desenvolvido em torno da *Villa* Romana da Tourega, esta notável descoberta vem demonstrar o muito que ainda há por conhecer em torno das grandes *villae*.

Finalizados os trabalhos de escavação arqueológica, considerando-se concluídos os trabalhos de minimização de impactes no âmbito do presente projecto agrícola, a área foi totalmente coberta com manta geotêxtil e com as terras escavadas.

Nos últimos anos, o terreno onde se localiza esta necrópole tem vindo a ser alvo de trabalhos agrícolas de pouca profundidade (semeado com erva do sudão), aí se encontrando a funcionar um pivot de rega.

De acordo com estes novos dados, considera-se ainda que fará sentido reavaliar/redesenhar os limites da ZEP (Zona Especial de Protecção) da *Villa* Romana de Nossa Senhora da Tourega, (e.g. com recurso a técnicas de teledeteção, como a prospecção geofísica).

Referências Bibliográficas

AREZES, A. (2017) – *O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII. Coleção: Teses Universitárias*, n.º 9, CITCEM: Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» e Edições Afrontamento.

- CARNEIRO, A.; ROLO, M. (2019) – Espaços e práticas funerárias nos campos da Lusitânia romana e tardo-antiga. *Onoba. Revista de Arqueología y Antigüedad*, 7: 161-181.
doi: 10.33776/onoba.v7i0.3458
- FRADE, H.; CAETANO, J. C. (2004) – Ritos funerários romanos, In: Medina, J., ed., *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. III: 143-159.
- ISINGS, C. (1957) – *Roman Glass from dated Finds*, Groningen: Archeologica Traiectina.
- MONTEIRO, J. (2018) – *Necrópole romana do Porto dos Cacos (Alcochete – Portugal)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MORILLO CERDÁN, A.; RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2008) – Lucernas hispanorromanas, In: Bernal Casasola, D.; Ribera I Lacomba, A. (eds.), *Cerámicas hispanorromanas*.
- NOLEN, J. U. (1985) – *Cerâmica Comum de necrópoles do Alto Alentejo*, Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. U. (1995-1997) – Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV, 13/15: 347-392.
- PEREIRA, C. (2013) – Lucernas Romanas de Alcácer do Sal: entre a prática e o sagrado, *Al-Madan*, 17. Tomo 2. Adenda electrónica: 13-28. <http://hdl.handle.net/10451/10877>
- PINTO, I. V.; VIEGAS, C.; FERRER DIAS, L. (1997) – A villa romana da Tourega: umas termas em ambiente rural. *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, Évora: Câmara Municipal de Évora, p. 73-83.
- ROLO, A. M. (2018) – *O mundo funerário romano no Noroeste Alentejano (Portugal): o contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Tese de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ROLO, A. M. (2018) – Um retrato do mundo funerário romano no nordeste alentejano (Portugal) à luz do contributo de Abel Viana e António Dias de Deus, *Anales de Arqueología Cordobesa*, Córdoba, 29: 199-226.
- VIEGAS, C.; PINTO I. V. (2000) – *As termas da villa romana da Tourega (Évora, Portugal)*. Gijón, VTP Editorial.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

